

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

Notícias de uma guerra: A Revolução Federalista de 1893 nas páginas do jornal *Diário Popular*, Pelotas-RS.

ARISTEU ELISANDRO MACHADO LOPES*

Considerações iniciais

A proposta desta comunicação faz parte de um projeto de pesquisa em desenvolvimento intitulado “Rememorando combates: a Revolução Federalista de 1893 através de fontes textuais, visuais e orais no sul do Rio Grande do Sul” patrocinado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS – através da concessão de um auxílio recém-doutor.

O projeto tem por objetivo analisar a Revolução Federalista de 1893 no sul do Rio Grande do Sul, uma vez que os conflitos ocorridos nessa região ainda carecem de mais pesquisas. Em outras palavras, a participação das cidades do sul do Rio Grande do Sul que se envolveram no conflitos e em combates ocorridos durante os anos da Revolução Federalista ainda foi pouco tratada. Um dos principais episódios da Revolução, o cerco a cidade de Bagé, por exemplo, ainda necessita de um trabalho acadêmico voltado a sua análise e a compreensão dos motivos que envolveram a cidade e seus moradores no conflito.

O projeto está sendo desenvolvido através de um trabalho amplo norteado por uma gama variada de fontes, como fotografias¹, narrativas², memórias e a imprensa rio-grandense. Além disso, outro objetivo do projeto é entrevistar moradores da cidade de Bagé, os quais ainda se referem ao cerco que a cidade sofreu durante a Revolução Federalista, seja através da memória de seus antepassados, seja através de determinados mitos referentes ao conflito que ainda são persistentes na memória da cidade mesmo já tendo se passado quase 120 anos do seu fim.

* Professor Adjunto II do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas. Doutor em História pela UFRGS. Este trabalho conta com auxílio recém-doutor da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS.

¹ Destaca-se o conjunto de fotografias feitas pelo fotógrafo José Greco contemporâneo ao conflito pertencente ao Museu Dom Diogo, da cidade de Bagé-RS.

² Uma das memórias da Revolução Federalista é o livro *Voluntários do Martírio* de Ângelo Dourado. Este autor, foi médico, escritor, militar e um dos fundadores do Partido Federalista no Rio Grande do Sul. Sua atuação como médico foi na cidade de Bagé e quando iniciou a Revolução alistou-se com as tropas de Gumercindo Saraiva como coronel-médico. (DOURADO, 1977)

2

Contudo, neste momento será apresentado os primeiros resultados da pesquisa realizada em uma das fontes listadas à pesquisa: a imprensa e, em destaque, o jornal *Diário Popular*.

A Revolução Federalista de 1893

A Revolução Federalista foi um conflito armado ocorrido no Rio Grande do Sul entre 1893 e 1895. Trata-se de uma disputa política pelo poder do Estado do Rio Grande do Sul e que envolveu dois grupos políticos com ideias e doutrinas políticas diferentes. De um lado, estavam os seguidores de Julio de Castilhos, o qual já desenvolvia sua campanha republicana influenciada pelos ideais positivistas³. Do outro, aqueles que defendiam os ideais federalistas e chefiados por Gaspar da Silveira Martins apontado por Sérgio da Costa Franco como um “indivíduo de personalidade dominadora, dotado de respeitável cultura e invulgar inteligência” (FRANCO, 1996: 26).

Quando da deflagração da revolução, Julio de Castilhos e seus correligionários tiveram o apoio do governo federal através de seu presidente militar Floriano Peixoto. Este grupo, o dos castilhistas, foi identificado pelos inimigos como pica-paus, já que os quepes republicanos lembravam o formato de um pássaro bicudo. Já o outro grupo, o dos federalistas, foi chamado por seus adversários de maragatos, “referindo-se ao fato dos irmãos Aparício e Gumercindo Saraiva terem vindo de San José, departamento uruguaio, cuja população seria originária de uma região espanhola, a Maragateria” (WASSERMAN, 2004: 276)

A Revolução Federalista foi um dos episódios mais graves que a recém proclamada República no Brasil teve que enfrentar. Conforme destaca Sandra Pesavento, a guerra foi “caracterizada por atos de violência e bárbarie de ambas as facções, a chamada ‘Revolução da Degola’”(PESAVENTO, 1983: 09). Já para Cesar Guazzelli, tanto no Rio Grande do Sul como em todo o espaço platino, as guerras se caracterizaram pelo uso de armas brancas que substituíam as escassas peças de artilharia e fazia parte da vida campeira dos peões, que se transformavam em soldados durante os períodos revolucionários:

³ Sobre a questão do positivismo ver: (PINTO, 1986) e (TRINDADE, 2007)

“Peões de ‘a cavalo’, mais milicianos guardando as propriedades móveis dos patrões, viam nas guerras quase que continuidades dos trabalhos rotineiros. O mesmo ginete que arriscava a vida diariamente com as reses cimarronas, comparecia como cavaleiro invulgar nas montoneras, manejando a lança com a mesma habilidade que o fazia com laço e boleadeiras.” (GUAZZELLI, 2004: 57)

A partir da citação, é possível considerar que a prática da degola, vista como “bárbara” estava relacionada com o soldado envolvido na guerra, o qual, em períodos de paz era apenas um homem do campo e que suas lides cotidianas acabavam estendidas para a batalha. Os acontecimentos desencadeados pela guerra civil no Rio Grande do Sul e as atitudes “bárbaras” desenvolvidas pelos seus soldados acabaram repercutindo, também, na imprensa da capital federal. Alguns jornais diários como *O Tempo*, *Cidade do Rio* e *O Paiz* publicaram artigos de opinião e notícias. Contudo, foi a imprensa ilustrada do Rio de Janeiro que visualizou aos seus leitores o conflito. Assim, *Revista Ilustrada* e *Don Quixote* veicularam ilustrações sobre a guerra, o primeiro periódico defendia Júlio de Castilhos, considerado um benemérito; já para o outro hebdomadário, o líder positivista não passava de um tirano. (LOPES, 2011: 01-20).

A Revolução Federalista, contudo, é um tema recorrente na historiografia do Rio Grande do Sul, sobretudo no que se refere as guerras que envolveram o estado, em especial, no século XIX, como também a Revolução Farroupilha. No entanto, a maioria dessa produção tem, por um lado, se voltado a averiguar as questões políticas que desencadearam o conflito, abordando-o de uma maneira mais geral⁴. E, por outro, determinadas pesquisas visaram os combates ocorridos no norte do Rio Grande do Sul e na sua extensão para os estados de Santa Catarina e Paraná⁵. Dessa forma, o que se pretende é averiguar como a revolução se desenvolveu no sul do estado e, neste momento, a análise será enfocada na produção veiculada nas páginas do jornal *Diário Popular*.

O jornal Diário Popular e a Revolução Federalista de 1893

⁴ Entre outros: (PESAVENTO, 1983), (NEVES, 1993) e (FLORES, 1993).

⁵ Os conflitos no norte do estado podem ser exemplificados pelo livro de Paulo Monteiro: *Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo*. (MONTEIRO, 2006). Já sobre a participação do estado do Paraná na Revolução a obra *Episódios da Revolução Federalista no Paraná* de Paulo Albernaz é um bom exemplo. (ALBERNAZ, 1979).

4

O jornalismo no Rio Grande do Sul alcançou notoriedade, sobretudo, a partir da segunda metade do século XIX. Francisco Rüdiger, ao abordar o jornalismo do Rio Grande do Sul nas últimas décadas desse século, ressalta que a maioria dos jornais diários estava associada aos partidos políticos sendo que muitos destes se encarregavam de “montar suas próprias empresas e lançar periódicos pelos quais assumiam inteira responsabilidade” (RÜDIGER, 2003: 35). Semelhante situação é verificada em Pelotas. Ao longo do século XIX circularam jornais diários sendo que alguns estavam ligados aos partidos políticos do Império. O *Diário de Pelotas* (1866-1889) foi o órgão do Partido Liberal enquanto *A Discussão* (1881-1888) divulgava as propostas dos liberais dissidentes da província e o *Rio Grandense* representava os interesses do Partido Conservador.

O jornal *Diário Popular* está incluído no circuito cultural da cidade e não difere de seus congêneres no que se refere aos aspectos físicos, sua circulação diária e a ligação político-partidária. O diferencial, contudo, é que seu surgimento se deu alguns meses após a Proclamação da República, em agosto de 1890, e o objetivo para sua fundação se justificava na falta de um jornal ligado ao Partido Republicano na cidade durante os anos da propaganda⁶.

Além de apresentar as notícias aos seus leitores, o jornal contribuiria à divulgação e consolidação da República em Pelotas e nas regiões circunvizinhas. O conteúdo do jornal deveria ser condizente com sua classificação conforme apontava em seu cabeçalho: “órgão republicano”. A equipe formada era constituída por Theodozio de Meneses (diretor), Arthur Hameister (revisor e jornalista), Mario Costa e outros colaboradores. Em 1896 Theodozio e Arthur deixam seus cargos e fundam outro jornal, *A Opinião Pública*; enquanto o *Diário* se alinhava, oficialmente, ao Partido Republicano Rio-Grandense (LONER, 2010: 95). Essa relação seria mantida durante as primeiras décadas do século XX coincidindo com o crescimento do jornal que se tornava o mais importante da cidade, com maior tiragem e o número mais elevado de assinantes⁷.

⁶ Beatriz Loner destaca que no período imperial o jornal *Correio Mercantil* foi simpático as ideias republicanas, embora não abertamente: “[...] o jornal foi abolicionista e depois republicano mas sempre com posições moderadas e conservadoras, sem partidarismo explícito”. (LONER, 1998: 09)

⁷ O *Diário Popular* ainda circula na cidade como uma empresa particular, está ligado a uma família influente e não apresenta filiações partidárias explícitas.

5

A análise pretendida com este jornal está relacionada com o que é apontado por Maria Helena Capelato: “desmistificar o seu significado aparente, explicitando que sua roupagem resulta de uma construção” (CAPELATO, 1988: 24), ou seja, é importante interpretar também o que está nas entrelinhas. Nesse sentido, para averiguar as notícias e artigos de opinião sobre a Revolução Federalista de 1893 é importante considerar a própria história do jornal, associada ao Partido Republicano e ao presidente da Província, Julio de Castilhos. Dessa forma, é necessário prever que o conteúdo do jornal destacará um dos lados do conflito enquanto o outro será menosprezado pelos seus jornalistas.

Outro ponto relevante, nesse sentido, está relacionado com o que é apontado por Tania de Luca que salienta a importância da escrita da história por meio da imprensa, já que ela oferece oportunidades para explicitar “os embates em torno de projetos políticos e questões artístico-literárias” (LUCA, 2011: 02-03). A redação do *Diário Popular* direcionou as páginas do jornal na tentativa de explicitar um desses embates e, de igual maneira, defender o projeto político-partidário do qual compartilhavam.

A pesquisa realizada resultou num conjunto de notícias e artigos sobre a Revolução Federalista de 1893 que identificam a vinculação republicana do jornal ao mesmo tempo que atacavam os adversários classificados como uma “malta de salteadores” (*Diário Popular*, 31/04/1893). Este tipo de referência era apenas uma entre várias outras formas pejorativas empregadas nos artigos do jornal ao se referirem aos federalistas. Uma delas, realizada no começo da guerra, foi a acusação de serem “monarquistas” (*Diário Popular*, 31/03/1893). A vinculação dos federalistas ao grupo dos monarquistas ocorreu, provavelmente, devido a participação de Silveira Martins, que foi um político de expressão no cenário nacional do Império e que fora chamado pelo Imperador Dom Pedro II para formar um novo gabinete; surpreendido pelo notícia da Proclamação da República enquanto viajava do Rio Grande do Sul para o Rio de Janeiro, Silveira Martins acabou exilado na Europa (PICCOLO, 1998: 65).

O retorno de Silveira Martins em 1892 e a fundação do Partido Federalista do Rio Grande do Sul estão intimamente ligados com a Revolução deflagrada em 1893. No entanto, a partir deste momento, tanto ele, como aqueles que se agruparam em torno de sua figura, não defendiam um retorno ao regime monárquico. A disputa agora era pelo poder dentro do governo republicano

6

do estado o que se assemelhava com o resto do país. Como ressalta Maria de Lourdes Mônaco Janotti o clima político no início do governo de Floriano Peixoto se tornou bastante tenso devido ao encontro dos vários grupos políticos num mesmo cenário: “deodoristas, florianistas, militares, civis e monarquistas desentendiam-se, aumentando a insegurança reinante na Capital Federal” (JANOTTI, 1988: 50). Contudo, o grupo dos monarquistas acabou se desintegrando após o falecimento do Imperador Dom Pedro II na França em dezembro de 1891. Assim sendo, não teria sentido o *Diário Popular* acusar Silveira Martins e os federalistas do Rio Grande do Sul, em março de 1893, de monarquistas. A vinculação era feita na tentativa de associar ao leitor do jornal que esse grupo era avesso a República e simpático do antigo regime, mas, sobretudo, contrário ao governo de Júlio de Castilhos.

Além de notícias e artigos próprios, o *Diário Popular* reproduzia conteúdos de outros jornais sobre a guerra. Uma dessas transcrições permite averiguar de forma mais direta a opinião do jornal e a defesa evidente do grupo liderado por Julio de Castilhos. No número publicado no dia 26 de maio de 1893 foi transcrita uma notícia do “órgão republicano de Porto Alegre” numa referência ao jornal *A Federação*. A notícia, contudo, é um relato de um morador da cidade de Bagé, no qual eram supostamente apontadas algumas considerações sobre o começo do conflito. Conforme o jornal, este morador recebeu em sua casa Joca Tavares e Gumercindo Saraiva, duas importantes lideranças militares federalistas, e o coronel Oliveira Salgado.

Segundo o relato do morador, Oliveira Salgado declarava que a “revolução estava perdida, vim por companheirismo. Perdi minha farda, 27 anos de serviços e perderei tudo mais”. Assim se referia já que Oliveira Salgado era, na época, coronel e comandante do 6º Batalhão de Infantaria do Exército Brasileiro. Devido a sua relação com a Revolução – apoiando o lado adversário ao presidente Marechal Floriano Peixoto – e por não se apresentar conforme foi convocado, acabou sendo considerado desertor, o que poderia levá-lo a ser expulso do Exército⁸.

⁸ Estas informações sobre Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado foram extraídas do *Diário Oficial da União* de 10 de abril de 1893 no qual foi publicado que ele não se apresentou conforme a Ordem do Dia e que teria um prazo de 30 dias para se apresentar. Caso contrário, seria punido pela lei de 25 de maio de 1835, que definia as penas aos militares desertores. Consultado em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/1628740/dou-secao-1-10-04-1893-pg-10> Acessado em 13/03/2013. Vale salientar que não se pretende aprofundar, neste momento, a relação do militar com a Revolução Federalista de 1893.

7

Contudo, as observações do morador sobre o começo do conflito apontam de forma nítida as considerações do jornal sobre o exército federalista; opinião compartilhada em *A Federação* que veiculou antes a notícia, na seção “Serviço telegráfico” do dia 22 de maio de 1893:

Após o combate, só em dois dias, perto de 3000 homens desertaram das forças federais, entrando nas proximidades de São Luiz desarmados. Um prisioneiro feito declara que reina enorme desânimo entre os combatentes federalistas. Os soldados estão indignados por falta de pagamento de soldo e roupa prometida por Joca quando tomasse Bagé (Diário Popular, 26/05/1893).

O relato aponta um número grande de soldados federalistas desertores enquanto os que resistiam estavam desanimados com o andamento da guerra. Ainda, Joca Tavares era apontado como mal pagador e que não cumpria suas promessas. A notícia permite algumas considerações relevantes para entender o posicionamento republicano do jornal pelotense. Inicialmente, ao cotejar o conteúdo reproduzido no jornal de Pelotas com o telegrama enviado de Bagé e publicado no jornal de Porto Alegre há uma incongruência no texto. Após o trecho citado acima, *A Federação* encerra com apenas mais uma frase, a qual não foi reproduzida pelo *Diário Popular*. Este, deu seguimento ao texto complementado com outro relato sobre um soldado republicano ferido durante o sítio de Bagé.

Dessa forma, é possível considerar que o *Diário Popular* adotava uma posição aguerrida defendendo seu ideal republicano ampliando o conteúdo reproduzido do outro jornal igualmente republicano. Já o relato do morador, o qual só foi possível saber que foi feito via telégrafo depois de consultar o texto original, é passível de dúvidas. Em outras palavras, podemos indagar se o telegrama publicado em *A Federação* se trata de um relato local sobre a revolução em Bagé ou foi apenas uma criação ficcional do jornal? Igual questionamento é direcionado ao *Diário Popular*: Se, por um lado, o relato foi copiado do telegrama, por outro ele foi acrescido de informações e veiculado como uma reprodução do jornal da capital e, portanto, trata-se de uma criação ficcional do jornal pelotense?

8

É possível que respostas adequadas aos questionamentos possam ser encontradas com o andamento da pesquisa⁹. No momento aponta-se que não existem dúvidas em relação ao posicionamento do *Diário Popular* – igual aquele defendido em *A Federação* – e que o jornal aproveitava-se dessa posição para difundir suas notícias sobre a Revolução Federalista de 1893. Em suas páginas defendiam o lado republicano e no desenvolvimento dessa propaganda veiculavam uma campanha agressiva contra os federalistas, denegrindo suas lideranças e destacando suas derrotas.

Considerações finais

Neste artigo procurou-se demonstrar o trabalho com uma das fontes reunidas pelo projeto “Rememorando combates: a Revolução Federalista de 1893 através de fontes textuais, visuais e orais no sul do Rio Grande do Sul”. Ressalta-se que o *Diário Popular*, como órgão do Partido Republicano em Pelotas, não poderia adotar posição diferenciada daquela apontada na veiculação de seu conteúdo. Contudo, mais do que analisar o posicionamento evidente, procurou-se evidenciar como esse posicionamento era difundido aos leitores em suas páginas.

O trabalho apresentado neste momento se baseou, em especial, num dos primeiros artigos sobre o conflito publicado no primeiro semestre de 1893. É possível afirmar, ao analisar como o texto foi divulgado, que o jornal defenderia os princípios republicanos e a ideologia castilhista mesmo que para essa tarefa fosse necessário “inventar” uma parte das notícias sobre a guerra. Entretanto, ainda será possível desenvolver de forma mais aprofundada a difusão das notícias sobre a Revolução durante os anos em que ocorreu evidenciando seus desdobramentos, batalhas, vitórias, derrotas e seu final. Por outro lado, almeja-se, em outro momento, comparar as notícias do *Diário Popular* com aquelas veiculadas nos demais jornais que circularam na zona sul do Rio Grande do Sul, principalmente de Pelotas e Rio Grande.

A pesquisa realizada no *Diário Popular*, no entanto, demonstra que é possível investigar a fonte lendo em suas entrelinhas, as quais possibilitam compreender que não se trata apenas de um

⁹ É importante frisar que este trabalho ainda está em desenvolvimento e a pesquisa é recente, sobretudo, no jornal *A Federação*.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

9

registro fragmentário¹⁰, mas uma fonte importante à compreensão de um dos mais graves conflitos políticos e armados que a República do Brasil precisou enfrentar e solucionar durante os seus primeiros anos.

Fontes:

Diário Popular, 1893. Acervo: Biblioteca Pública Pelotense – BPP

A Federação, 1893. Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional/Fundação Biblioteca Nacional – BN.

Diário Oficial da União, 1893. Acervo: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios>

Referências bibliográficas:

ALBERNAZ, Paulo. *Episódios da Revolução Federalista no Paraná*. São Paulo: Brasiliensia Documenta, 1979.

CAPELATO, Maria H. Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

DOURADO, Ângelo. *Voluntários do Martírio. Narrativa da revolução de 1893*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1977.

FLORES, Hilda (Org.). *Revolução Federalista*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1996.

GUAZZELLI, Cesar. “Pois então degola”: representações da barbárie sobre campeiros e milicianos no século XIX. *História em Revista*. Pelotas: UFPel, v.10, dezembro de 2004, p.49-59.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *Os subversivos da República*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

¹⁰ Essa crítica foi feita, de forma eloquente, por Tania de Luca: “Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento. Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas ‘enciclopédias do cotidiano’ continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas” (LUCA, 2006: 112). A autora destaca a renovação dos temas, das problemáticas e dos procedimentos metodológicos que permitiram considerar o jornal como uma fonte importante no desenvolvimento dos estudos históricos.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

10

LONER, Beatriz. Diário Popular. In: GILL, Lorena; LONER, Beatriz; MAGALHÃES, Mario. *Dicionário de História de Pelotas*. Pelotas: UFPel, 2010, p.95-96.

LONER, Beatriz Ana. Jornais diários na República Velha. *Ecos Revista*. Pelotas: Ed. da Universidade/UCPel, v.2, nº 1, abril/1998, p. 5-34.

LOPES, Aristeu E. M. Entre a sátira e o elogio: Júlio de Castilhos nas páginas da imprensa ilustrada do Rio de Janeiro nos anos 1890. *Fênix*. Uberlândia: UFU, 2011, p.01-20.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos Periódicos. IN: PINSKY, Carla (Org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006, p.111-153.

LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vistas do Brasil. (1916-1944)*. São Paulo: UNESP/FAPESP, 2011.

MONTEIRO, Paulo. *Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo*. Passo Fundo: Berthier, 2006.

NEVES, Francisco. *Pensar a Revolução Federalista*. Rio Grande: FURG, 1993.

PESAVENTO, Sandra. *A Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PICCOLO, Helga I. L. *Vida Política no Século XIX*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998.

PINTO, Céli. *O Positivismo. Um projeto político alternativo (RS:1889-1930)* Porto Alegre: L&PM, 1986.

RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: 3ª ed. Ed. da Universidade/UFRGS, 2003.

TRINDADE, Hégio (Org.). *Positivismo: teoria e prática*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

WASSERMAN, Claudia. O Rio Grande do Sul e as elites gaúchas na Primeira República: guerra civil e crise no bloco do poder. In: GRIJÓ, Luiz (et. Al.). *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2004, p.273-289.